

RESUMO EXPANDIDO

Aconselhamento em Aprendizagem de Línguas Adicionais: resultados parciais

Prof. Dr. Jhonatan Allan de Andrade Rabelo
Jonatha Carvalho do Rosário

RESUMO

O presente estudo investiga o processo de aconselhamento em aprendizagem de línguas desenvolvido com um aluno da Escola de Aplicação da UFPA, bolsista do PIBIC-EM. O aconselhamento visa fomentar a autonomia, compreendida como a capacidade de o aluno assumir a responsabilidade e o controle sobre o próprio aprender. O objetivo deste trabalho é analisar os resultados parciais dessa experiência, identificando os motivos para a dificuldade na manutenção de uma rotina de estudos e as emoções que surgiram nesse percurso. A metodologia consiste em um estudo de caso longitudinal de natureza qualitativa. Os dados incluem diários de aprendizagem, notas de campo e a transcrição de uma entrevista de avaliação. Os resultados parciais revelam que o aluno enfrenta fortes barreiras externas, como uma rotina exaustiva e crenças de incapacidade ligadas ao ambiente escolar. Tais fatores geram sentimentos de frustração e cansaço, que dificultam a criação de novos hábitos de estudo e o desenvolvimento da agência do estudante.

Palavras-chave: Aconselhamento; Emoções; Autonomia; Educação Básica.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem de uma língua estrangeira na Educação Básica é um fenômeno multifacetado que ultrapassa a mera memorização de vocabulário ou regras gramaticais. Trata-se de um processo intrinsecamente ligado à identidade do estudante, ao seu contexto socioeconômico e às suas experiências prévias de escolarização. No cenário da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA), o projeto de aconselhamento em aprendizagem de línguas surge como uma resposta à necessidade de oferecer um suporte pedagógico individualizado, focado não apenas no conteúdo linguístico, mas no desenvolvimento da autonomia do aprendiz (BENSON, 2011).

O aconselhamento em aprendizagem de línguas adicionais define-se como uma prática de mediação que ocorre fora da sala de aula tradicional, proporcionando um espaço de reflexão onde o aluno e o conselheiro discutem estratégias, metas e sentimentos em relação ao aprender (REINDERS, 2008; MYNARD, 2012). No entanto, o percurso rumo à autonomia não é isento de obstáculos. Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa longitudinal que

acompanha um estudante da segunda série do Ensino Médio em sua jornada de estudos autodirigidos de língua inglesa.

A relevância deste estudo justifica-se pela percepção de que muitos alunos rotulados como "desinteressados" ou "maus alunos" enfrentam, na verdade, barreiras invisíveis que o sistema escolar tradicional falha em identificar. Ao longo do semestre, o foco desta investigação deslocou-se da análise técnica de estratégias de estudo para uma compreensão profunda das causas do desengajamento e das emoções negativas que permeiam o cotidiano escolar do participante. O objetivo central é, portanto, descrever como o ambiente escolar e as rotinas de vida impactam a construção da agência do estudante e sua percepção de capacidade intelectual.

METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se na abordagem qualitativa de pesquisa, configurando-se como um estudo de caso longitudinal (YIN, 2015). Conforme aponta Yin, o estudo de caso é a estratégia ideal para investigar fenômenos contemporâneos em profundidade dentro de seu contexto real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno (o aconselhamento) e o contexto (a vida do aluno e a escola) não são claramente evidentes.

O participante deste estudo é um aluno bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM/PROPESP). Para garantir a fidedignidade e a profundidade da análise, optou-se pela triangulação de dados, utilizando três fontes principais:

1. **Diários de Aprendizagem:** Registros semanais realizados pelo aluno sobre suas tentativas de estudo em casa, o uso de ferramentas tecnológicas (aplicativo Busuu) e suas impressões sobre o conteúdo estudado.
2. **Notas de Campo do Pesquisador:** Diário de bordo escrito pelo conselheiro após cada sessão de atendimento, contendo observações sobre o comportamento, a assiduidade e os relatos orais do estudante.
3. **Entrevista de Avaliação Final:** Uma entrevista semiestruturada de aproximadamente uma hora, gravada e transcrita integralmente. Esta entrevista serviu como um momento de "metarreflexão", onde o aluno foi convidado a avaliar sua própria trajetória, suas faltas e seus sentimentos em relação à escola e ao projeto.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise narrativa e interpretativista, buscando identificar núcleos de significado nos depoimentos do aluno que pudessem explicar o descompasso entre o planejamento do conselheiro e a execução das tarefas pelo aconselhado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E/OU DISCUSSÕES

O referencial teórico deste trabalho ancora-se no conceito de **Autonomia do Aprendiz**, definida por Benson (2011) e Little (2013) como a habilidade de assumir a responsabilidade pelas decisões relacionadas à aprendizagem. O aconselhamento em aprendizagem de línguas adicionais atua como o suporte necessário para que essa autonomia floresça (MYNARD, 2012; REINDERS, 2008). Contudo, a análise dos resultados parciais sugere que a autonomia não é apenas uma "técnica" que se ensina, mas uma emergência que depende de um equilíbrio emocional estável.

A Rotina e o Estilo de Aprendizagem

Uma das primeiras barreiras identificadas foi a rotina exaustiva do estudante. Em seus relatos, o participante descreve acordar às 5h da manhã para chegar à escola e retornar para casa apenas após os treinos de Jiu-Jitsu, por volta das 22h. Segundo Rebecca Oxford (1990), os alunos possuem estilos de aprendizagem que podem ser "esticados" (*style stretching*) para atender a novas demandas. No entanto, o esforço exigido para mudar hábitos de estudo em um sistema já sobrecarregado gera o que Oxford chama de fadiga de estilo. O aluno relatou: "*Eu chegava em casa cansado, não queria saber de nada além de comer e dormir*". Esse cansaço físico atua como uma barreira primária que impede a consolidação de uma rotina de estudos autodirigidos.

O Impacto do Ambiente Escolar e das Crenças de Aprendizagem

A discussão mais profunda deste estudo surge da análise das crenças de aprendizagem do aluno. Ana Barcelos (2004, 2015) argumenta que as crenças são construções sociais e dinâmicas que o aluno desenvolve a partir de sua interação com o meio. Durante a entrevista, o participante revelou uma autoimagem de incapacidade intelectual fortemente influenciada

pelo discurso docente: *"Eu tenho esse pensamento de que não sou bom para nada na matéria de escola... me sinto bem para baixo"*.

O aluno descreveu situações em que professores rotulavam conteúdos complexos como "fáceis", invalidando sua dificuldade real e gerando vergonha em pedir ajuda. Como aponta Barcelos (2015), as **crenças e as emoções são interdependentes**. Quando o aluno internaliza a crença de que é incapaz de aprender Matemática ou Física, ele desenvolve emoções de frustração e medo. Essas emoções, por sua vez, levam ao desengajamento escolar e às faltas recorrentes, confirmando, em um ciclo vicioso, a imagem do "mau aluno".

O Contraste entre a Escola e o Esporte

Um ponto de discussão fundamental é o contraste entre o desempenho do aluno na escola e no Jiu-Jitsu. No esporte, ele exerce liderança, monitoria e disciplina. Isso demonstra que ele possui agência e capacidade de esforço, mas que esses recursos não estão sendo transferidos para o ambiente acadêmico devido à falta de acolhimento. Enquanto o Jiu-Jitsu é uma válvula de escape e um lugar de sucesso, a escola é descrita como um ambiente onde *"parece que os professores têm raiva do aluno"*. Esse desamparo emocional é, em última análise, uma das possíveis causas do insucesso no aconselhamento, pois a autonomia requer um solo de confiança que a escola, no momento, não oferece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais desta pesquisa indicam que o aconselhamento na Educação Básica enfrenta desafios estruturais e emocionais profundos. A dificuldade em estabelecer uma rotina autônoma de estudos não pode ser atribuída meramente à "falta de disciplina" do aluno, mas deve ser compreendida como uma resposta a um ecossistema escolar desmotivador e a uma rotina de vida sobrecarregada.

Percebe-se que as crenças de incapacidade alimentadas por discursos docentes agem como bloqueios emocionais que sufocam a vontade de aprender. Conclui-se que o papel do conselheiro deve ir além da indicação de materiais ou técnicas; é necessário, antes de tudo, realizar um trabalho de acolhimento afetivo e reconstrução da autoimagem do aluno. A autonomia só terá espaço para emergir quando o estudante se sentir seguro e validado em suas dificuldades, transformando a escola de um lugar de frustração em um espaço de agência real.

REFERÊNCIAS

- BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- BARCELOS, A. M. F. Unveiling the relationship between English language teachers' beliefs and emotions. **System**, v. 55, p. 1-13, 2015.
- BENSON, P. **Teaching and researching autonomy**. 2. ed. Harlow: Longman, 2011.
- DUFF, P. A. **Case study research in applied linguistics**. New York: Lawrence Erlbaum, 2008.
- LITTLE, D. **Learner autonomy**: drawing together the threads of self-assessment, goal-setting and reflection. Dublin: Trinity College, 2013.
- MYNARD, J. A profile of self-access centres in the UK. **Studies in Self-Access Learning Journal**, v. 3, n. 4, p. 434-448, 2012.
- OXFORD, R. L. **Language Learning Strategies**: what every teacher should know. Boston: Heinle & Heinle, 1990.
- REINDERS, H. The what, why, and how of language advising. **MexTESOL Journal**, v. 32, n. 2, p. 11-22, 2008.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.